

Vanda de Sá e Antónia Fialho Conde (dir.)

## Paisagens sonoras urbanas: História, Memória e Património

Publicações do Cidehus

---

# Um trajeto musical pelas sonoridades das procissões em Castelo Branco

Luísa Correia Castilho

---

DOI: 10.4000/books.cidehus.8779  
Editora: Publicações do Cidehus  
Lugar de edição: Évora  
Ano de edição: 2019  
Online desde: 14 outubro 2019  
coleção: Biblioteca - Estudos & Colóquios  
ISBN eletrónico: 9791036521669



<http://books.openedition.org>

### Refêrencia eletrónica

CASTILHO, Luísa Correia. *Um trajeto musical pelas sonoridades das procissões em Castelo Branco* In : *Paisagens sonoras urbanas: História, Memória e Património* [en ligne]. Évora : Publicações do Cidehus, 2019 (généré le 19 novembre 2019). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/cidehus/8779>>. ISBN : 9791036521669. DOI : 10.4000/books.cidehus.8779.

---

## **Um trajeto musical pelas sonoridades das procissões em Castelo Branco**

**Luísa Correia Castilho\***

### **Resumo:**

O presente artigo é resultado parcial de uma pesquisa ainda em curso no sentido de entender a ou as paisagens sonoras das procissões, ao longo dos tempos, em Castelo Branco. Através de um levantamento de informações, utilizando os periódicos e documentos vários pertencentes ao acervo da Biblioteca Municipal, Sé Catedral, Arquivo Municipal e Câmara Municipal, propõe-se descrever o percurso, itinerário ou trajeto das procissões e as suas conexões com a atividade musical da cidade, desde o século XVIII ao princípio do século XX. A leitura destes documentos possibilitou o registo e posterior análise de informações sobre diversos eventos musicais, assim como os agentes que estiveram na origem do desenvolvimento desta atividade. Assim propõe-se contribuir para o resgate histórico da música em Castelo Branco.

**Palavras-chave:** procissões, Castelo Branco, sonoridade, trajeto, paisagem sonora

### **Abstract:**

The present article is a partial result of an ongoing research into the understanding of the sound landscape, or the various sound landscapes, of the processions, over the years, in Castelo Branco. Through a survey of information, using journals and various documents belonging to the collection of the Municipal library, the cathedral, the municipal archives and the City Hall, the present text aims to outline the processions' journey and its implications on the musical life of the city, from the 18th century until the early years of the 20th century. The study of these documents enabled the record and subsequent analysis of information on various musical events and on the main agents at the origin of the development of this activity. Thus, the purpose of the present article is to contribute to the historical rescue of music in Castelo Branco.

**Keywords:** processions, Castelo Branco sound, musical journey, sound landscape

---

\* Instituto Politécnico de Castelo Branco / CESEM

## 1. Introdução

Desde que Raymond Murray Schafer, em 1970, criou a expressão paisagem sonora (*soundscape*), a partir do conceito clássico de paisagem (*landscape*), dentro de seu *World Soundscape Project*, que esta percorreu um longo caminho. Neste artigo recuperamos esta necessidade de “arquivar os sons do mundo”, recrutando, por um lado, a recolha de sons e, por outro, que sejam apreendidos dentro da dimensão da preservação da memória e do património (Schafer, 1991). Isto é, visto o ambiente sonoro como uma dimensão ecológica de “um sistema dinâmico de relações entre os homens e seu ambiente por meio dos sons e todas as dimensões vividas” (GEISLER, 2013, como citado em MENEGUELLO, 2017). Tomando este aspeto percorre-se os vários documentos no sentido de traçar o trajeto musical e sonoro das procissões, assim como os agentes que estiveram ligados a esta atividade e que vão desde músicos, maestros, orquestras, bandas e instrumentistas.

## 2. As procissões nas constituições do Bispado de Castelo Branco

Castelo Branco foi sede de bispado entre 1771 e 1881. Por alvará de 20 de Março, publicado a 14 de Abril de 1771, D. José concede à vila de Castelo Branco o título e foro de cidade, com o fim de legitimar a criação da Diocese Albicastrense, o que veio a fazer-se por Breve Apostólico de 17 de Junho do mesmo ano. Por esta altura, a cidade tinha duas freguesias, Santa Maria do Castelo e S. Miguel, sendo esta última elevada a Sé (MARTINS, 1979; SILVA, 1853).

O bispado de Castelo Branco durou pouco mais de um século, pois foi suprimido por letras Apostólicas de Leão XIII, de 30 de Outubro de 1881, e manteve-se durante muitos anos na situação de sede vacante. A sua criação justificou-se pela demasiada extensão da diocese da Guarda, que, então, abrangia os arcediagos de Celorico, Guarda, Covilhã, Penamacor, Monsanto, Castelo Branco e Abrantes. Tão vasto território tornava impossível uma eficaz pastorização, como aliás reconheciam os próprios Bispos da Guarda (MATOS, 1972; OLIVEIRA, 1940; SANTOS, 1958).

É costume na igreja católica fazerem-se procissões por ocasião de algumas festas, nas quais os fiéis cristãos, juntos em oração, louvam a Deus, lhe dão graças e fazem preces para que os ajude em suas necessidades (CASTILHO, 1992). No entanto elas podem ser tanto para uma ocasião festiva quanto para um ato de penitência. Podendo ainda ser tanto uma demonstração ritual de poder político quanto uma afirmação de hierarquia social.

Nas constituições do bispado de Castelo Branco estavam prescritas quais as procissões que era hábito realizarem-se:

- 1 - Fazer em cada um ano a procissão de corpus christi
- 2 - A do Patrocinio de nossa senhora na terceira dominga de Novembro por Nosso Real Fidelissimo Rey Dom Jose primeiro nosso senhor, que no presenta reina<sup>1</sup>.
- 3- Procissão da visitação da virgem Nossa Senhora e Santa Isabel e a de Domingo do Anjo Custodio, e a de Sam Sebastião nos lugares em que se costumam fazer com acompanhamento das camaras. Nestas procissões irão nesta cidade o nosso cabido e os parochos...
- 4 - Procissão todas as sextas feiras de quaresma na sé cathedral e nas igrejas conventuais do nosso Bispado. Procissão dia da Purificação da virgem nossa Senhora, e no Domingo de Ramos. Em cada semana se fará a procissão dos defuntos.
- 5 - Nas igrejas em que na semana Santa estiverem encerrado o Santíssimo Sacramento até ao Domingo da Ressurreição a procissão faz-se neste dia em redor da igreja.
- 6 - Faça-se em cada hum ano a procissão da Ladainha maior em dia de Sam Maria, e das Ladainhas menores nos trez dias antes da Ascenção de nosso senhor. /
- 12 - Pode fazer o cabido mais procissões que foram costume; poderá fazer-se a procissão das confrarias tendo a nossa aprovação. / Fora deste não se podem fazer procissões. Quando se pedir procissão por causas temporais (agua, sol) a poderão conceder os Arciprestes, e por ela se não levará dinheiro. Em todas as procissões e as mais se guardarão inteiramente as cerimoniaes e dirão as preces e orações que no ritual se contém no titulo do das procissões e acomodando-se a cada huma em particular. (COD 6989, BN, 2ª parte, título 3, const. 1).

Como podemos constatar eram muitas as procissões que estavam prescritas nas constituições do bispado, tinham que respeitar uma certa ordem de precedência: iam primeiro as irmandades e confrarias dos leigos, em seguida os religiosos, após os quais os clérigos e párocos, por último o cabido. Entre os leigos e os clérigos, como entre os homens e as mulheres havia, por força das circunstâncias, que marcar uma distância (SANTOS, 1958). Portanto estamos perante uma ocasião em que os diversos corpos sociais desfilavam sob uma ordem hierárquica e naturalmente organizada.

As procissões solenes eram antecedidas de uma missa e os sinos repicavam antes e depois de elas saírem da igreja. O passo da procissão era mais ou menos repousado, consoante esta fosse rezada ou cantada. Nalguns casos eram permitidas danças ou representações, que iam no princípio; mas não eram permitidas representações da paixão (SILVA, 1958).

---

<sup>1</sup> Esta era realizada por decreto do Rei D. José

### 3. A procissão do Corpo de Deus

Algumas destas procissões foram ao longo dos tempos acabando; outras tornando-se mais populares. A que tinha mais peso era a do *Corpus Christi*<sup>2</sup>. Todos os clérigos da cidade e arredores eram obrigados, pelo bispo constituído, a participar, mesmo que tivessem outras obrigações a cumprir. Era tradição que vinha de longa data. O brilho das festas que se realizavam nesse dia vem claramente expresso num curioso programa elaborado pela Câmara Municipal<sup>3</sup>:

«Rol dos juizes de ofício que hão-de dar danças e insígnias, e tudo o mais necessário para a procissão do Corpo de Deus, ano de 1680:

«Francisco Esteves, juiz dos pastores, dará uma dança de paus de seis homens que é a da Lousa. Os cabreiros darão outra dança.

«Manuel Francisco, juiz dos hortelões, um carro armado de flores e frutas.

«Simão Fernandes, juiz dos alfaiates, a Serpe<sup>4</sup> bem vestida com quatro homens de guarda com suas chuças<sup>5</sup> e sairá na véspera do dia e correrá a vila.

«Francisco Marques, juiz dos cardadores<sup>6</sup> e tosadores<sup>7</sup> dará S. Gens em sua charola<sup>8</sup> acompanhado de duas tochas adiante e uma dança.

«António Pires, juiz dos sombreiros, dará uma dança mourisca com sua insígnia adiante que levará um sombreireiro.

«Tomás Rodrigues, juiz dos ferreiros, dará quatro diabos e sua insígnia.

«Paulo Rodrigues, juiz dos tecelões e das tecedeiras dará Santo Estevão em sua charola e uma dança adiante com seu folião e a dança será de seis moças.

«Carlos Ribeiro, juiz dos carpinteiros, dará S. José em sua charola e duas tochas e uma dança.

«Manoel Gomes, genro de João Bonito, juiz dos sapateiros, dará S. Chrispim em sua charola com duas tochas e uma dança adiante e três moças com violas e castanhetas.

«André Francisco, juiz dos moleiros desta Vila e termo, dará Santo António em sua charola e duas tochas e uma dança de seis homens ou moças com seu folião.

«Matheus Travassos, juiz dos almocreves<sup>9</sup>, dará Santo Amaro em sua charola com quatro tochas e seu guião<sup>10</sup> e uma dança.

---

2 A Procissão do Corpo de Deus é celebrada no 60.º dia após a Páscoa, ou mais exatamente na quinta-feira que se segue ao domingo da Santíssima Trindade, que, por sua vez, é o primeiro domingo a seguir à oitava do Pentecostes (PEREZ, 2010).

3 Todas as atualizações ou definições dos ofícios foram consultadas em BLUTEAU, Raphael (1712-1728). *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. 8 v.

4 Serpente, réptil alado semelhante a um dragão

5 Objeto artesanal pontiagudo

6 Pessoa que carda, penteia, prepara as matérias têxteis para a fiação

7 Tosquiador

8 Andor

«Domingos Fernandes Grilo, juiz dos barbeiros, dará o Rei David com ceptro<sup>11</sup> e coroa muito bem vestido e dois pajens que o acompanhem.

«António Martins Calrão, juiz dos cadeiros<sup>12</sup>, dará um guião com descantes de três violas de bons tangedores.

«Lucas Fernandes, juiz dos ferradores, dará S. Jorge em seu cavalo com dois estribeiros de cada lado vestidos á turquesca.

«Francisco Travassos, juiz dos estalajadeiros, dará oito homens de alabardas<sup>13</sup> em corpo com couras<sup>14</sup>, ou vestidos de armas brancas com um tambor adiante de S. Jorge e um pífano.

«Bartolomeu Rodrigues, juiz dos espingardeiros, e serralheiros, dará um homem com insígnia de alferes, com sua banda, que irá a Cavalo adiante dos soldados de S. Jorge, por pagem da lança.

«Marques Fernandes, juiz dos oleiros, dará um rei mouro com coroa e ceptro, com quatro mouros a seu lado com seus alfanges<sup>15</sup>, que irão atrás de S. Jorge.

«Manuel Sanches, juiz dos pedreiros, dará hum estandarte ou bandeira de guerra e um tambor que irá diante dos soldados de S. Jorge.

«Gaspar da Fonseca, juiz dos cereiros<sup>16</sup>, dará oito tochas para acompanharem o Santíssimo.

«Os mercadores, cada um dará sua tocha que eles levarão ou mandarão ter na procissão.

«Catarina Martins Ferreira, juíza das padeiras, dará duas pelas e uma dança de seis mulheres com pandeiros e castanhetas com seu folião.

«Os boticários, cada um levará sua tocha entre os mercadores.

«Manoel Martins Galeguinhos, juiz dos maquilões<sup>17</sup>, dará uma dança pastoril.

«O alferes de S. Marcos irá com seu guião.

«Baltasar Gonçalves, juiz dos mulateiros e burriqueiros, dará uma dança mourisca de oito homens.

«Os obrigados e magarefes<sup>18</sup> dos açougues<sup>19</sup> levarão, uma hora antes da procissão sair, um touro amarrado à corda, pelas ruas por onde for a procissão, com homens que levem suas

---

9 Pessoa que conduz bestas de carga

10 Pequena bandeira que vai à frente na procissão, estandarte.

11 Bastão curto encimado por um ornato que os soberanos trazem na mão direita em certas cerimônias

12 Fabricante ou vendedor de cadeiras

13 Arma antiga composta por uma longa haste

14 Veste de couro para soldados de pé; couraça.

15 Sabre de folha larga e curva

16 Cultivador de searas

17 Homens que transportavam os cereais para os moinhos e a farinha para casa dos clientes dos moleiros.

18 Abatedor de gado; homem que, nos matadouros, mata e esfolia as reses

19 Talhos

aguilhadas<sup>20</sup> para tangerem o touro e, na corda a que for amarrado, irão pegando nas pontas uns a traz e outros adiante do boi» (SANTOS, 1958, 31-33; ROXO, 1890, 197-198).

Esta procissão do Corpo de Deus era, segundo José Vasco Mendes de Matos (1972, 82), a principal solenidade onde, anualmente, compareciam as confrarias dos artífices e onde cada uma era obrigada a contribuir especificando minuciosamente, o teor dessas contribuições. Estão representadas 25 corporações profissionais e no respeitante à sonoridade: 12 destas corporações têm referencias a danças e 6 a música. Algumas das danças nomeiam a que danças se referem:

- a) Dança de paus de seis homens que é a da Lousa. Pode-se supor, embora com as devidas reversas, que possa se referir à «Dança dos Homens, das Genebres ou da “Farrombana”», que ainda hoje subsiste. Esta dança atualmente é composta por 9 dançarinos (6 homens e 3 crianças) e realiza-se em meados de maio, em honra da Senhora dos Altos Céus. Um dos elementos preside à dança tocando simultaneamente um instrumento único no nosso país de nome genebres; um idiofone de raspagem, que consiste numa espécie de xilofone, com uma série de paus redondos maciços, de tamanhos crescentes de cima para baixo, enfiados numa tira de couro formando um colar, pendurado ao pescoço. Os restantes intervenientes tocam e participam na coreografia, simultaneamente sublinhando os ritmos que a dança requer através das suas violas beiroas e trinchos. As violas são constituídas por 5 ordens de cordas de arame e ainda um outro cravelhal com duas cordas simples agudas e curtas, as requintas, também elas de arame e que ao serem tocadas não podem ser pisadas; os trinchos são pandeiretas sem pele, com soalhas metálicas percutidos na mão, pernas ou ar (OLIVEIRA, 2000; FRANCISCO, 2012).
- b) Dança mourisca
- c) Dança dramática, por vezes ritual, muitas vezes processional, de carácter exótico, e em parte com elementos guerreiros<sup>21</sup>.
- d) Dança de seis moças
- e) Dança de seis homens ou moças com seu folião
- f) Dança de seis mulheres com pandeiros e castanhetas com seu folião
- g) Dança pastoril
- h) Dança mourisca de oito homens

---

20 Aferroadas

21 Em Portugal, as danças mouriscas são sempre ligadas a festas religiosas.

Algumas das danças nomeiam, além dos referidos anteriormente, a utilização de instrumentos (violas, pífano, tambor, pandeiros, castanhetas) e até uma banda.

- a. [...] dança adiante e três moças com violas<sup>22</sup> e castanhetas<sup>23</sup>
- b. [...] um guião com descantes de três violas de bons tangedores
- c. [...] com um tambor adiante de S. Jorge e um pífano<sup>24</sup>.
- d. [...] com sua banda, que irá a Cavalo
- e. [...] um tambor<sup>25</sup>
- f. [...] uma dança de seis mulheres com pandeiros e castanhetas

Presumivelmente a referência ao pandeiro se refere ao adufe, nome porque é conhecido na Beira Baixa, sendo um bímembranofone de forma quadrangular de percussão direta de aro muito baixo, cujas peles são fixas, cosidas umas às outras sobre o aro, ou pregadas a este (OLIVEIRA, 2000).

Como esclarece Manuel Tavares dos Santos (1958, 33) a «festa principiava na véspera, em que os juízes de ofício tinham de ir à Câmara mostrar as suas danças e folias, sendo multado ou preso aquele que não cumprisse. Nesse dia eram permitidas todas as folganças e truanices, sendo os diabos - pobres aprendizes de ferreiro pintados de vermelho e preto - apedrejados pelos gaiatos entre chufas e risotas. No dia da procissão, porém, não eram tolerados os motejos da véspera e o cortejo efetuava-se com circunspeção das autoridades e a compostura de todos os figurantes, sob a vigilância dos meirinhos<sup>26</sup> e beleguins<sup>27</sup>».

Esta festa foi-se realizando ao longo dos tempos, naturalmente, com outras características. No séc. XIX, tomava parte, na procissão, uma grande imagem de S. Jorge, montada num cavalo, luxuosamente ajaezado, levado por dois ferradores e acompanhado por uma escolta de cavalaria 8, com a sua charanga. Seguiam-se cavalos cobertos de ricos adornos pertencentes aos titulares da terra. Além do elemento religioso, iam os mais categorizados funcionários civis e militares, as forças da guarnição (todo o efetivo do regimento de cavalaria 8), a câmara municipal com o seu estandarte e os vereadores; seguiam-se os representantes de artes e ofícios: carpinteiros, sapateiros, alfaiates,

---

22 É provável que se refira à viola beiroa, descrita anteriormente

23 Refere-se a castanholas sem indicação de forma, mas normalmente feitas de duas conchas de madeira, ligadas por cima uma à outra por um cordão (Oliveira, 2000).

24 Segundo Oliveira (2000) o pífano é uma flauta de bisel

25 Os tambores são bímembranofones de caixa-de-ressonância cilíndrica, de percussão indireta, pela percussão de uma ou duas maçanetas (Oliveira, 2000).

26 Oficial de justiça

27 Funcionário de repartição pública que atuava geralmente em fórum e que por sentir-se protegido agia por vezes com insolência e abuso.





#### 4. Os personagens das sonoridades

As sonoridades que caracterizam as procissões, isto é, aquelas que dão a conhecer os sons e que transmitem conhecimento relacionando-se com os costumes, as tradições e as festas (Ribeiro, 2013), são feitas por personalidades individuais ou coletivas, as quais foram se passando a descrever.

Não se conseguiu apurar como era composta esta banda do Regimento de Cavalaria nº 8. O que se pode averiguar era que o seu Maestro Jesus Urbano Escoto foi uma figura importante na música do séc. XIX em Castelo Branco. Filho do antigo regente da Banda do Regimento de Cavalaria 8, veio a substituir o seu cargo, em finais de 1878, o qual desempenhou essas funções até à extinção destes organismos musicais na sequência da reforma do Exército em julho de 1892. Eram múltiplas as suas atividades. Além de deter a regência da charanga, ensinava música e cantochão no curso de teologia, regia a banda *Euterpe*, a Tuna do Liceu e a orquestra de concertos, ao mesmo tempo que, dava lições particulares nesta cidade, em Alcains, em Tinalhas, etc. A competência de Maestro Escoto tornou-se axiomática para os albicastrenses do final do último século, mais precisamente entre 1879 a 1900. Não tinha mãos a medir, naquela época em que a música assumia papel relevante na educação geral das futuras damas da melhor sociedade (ESTUDOS DE CASTELO BRANCO, 1966).

Só nos anos vinte do século XX, segundo a Era Nova de 1927, é que com outra guarnição, a Banda de Caçadores 11, sob regência de João Pereira dos Santos, temos notícia do efetivo da banda que acompanhava esta e outras procissões, compondo-se de 6 Clarinetes, 1 Requinta, 1 Flautim, 4 Saxofones, 3 Trompetes, 2 Contrabaixos, 2 Barítonos, 3 Trombones, 2 Saxe-Trompas, 2 Tarolas, Bombo e Prato (Era Nova, 13 de Março de 1927).

#### 5. Outras procissões

Além desta procissão do Corpo de Deus, outras havia que se realizavam em Castelo Branco ao longo do ano litúrgico. Impunham-se em geral, pelo esplendor de que se revestiam, as que se efetuavam na Quaresma, no Domingo do Bom Pastor (Senhora de Mércules) e no dia da Festa de S. Sebastião (20 de Janeiro).

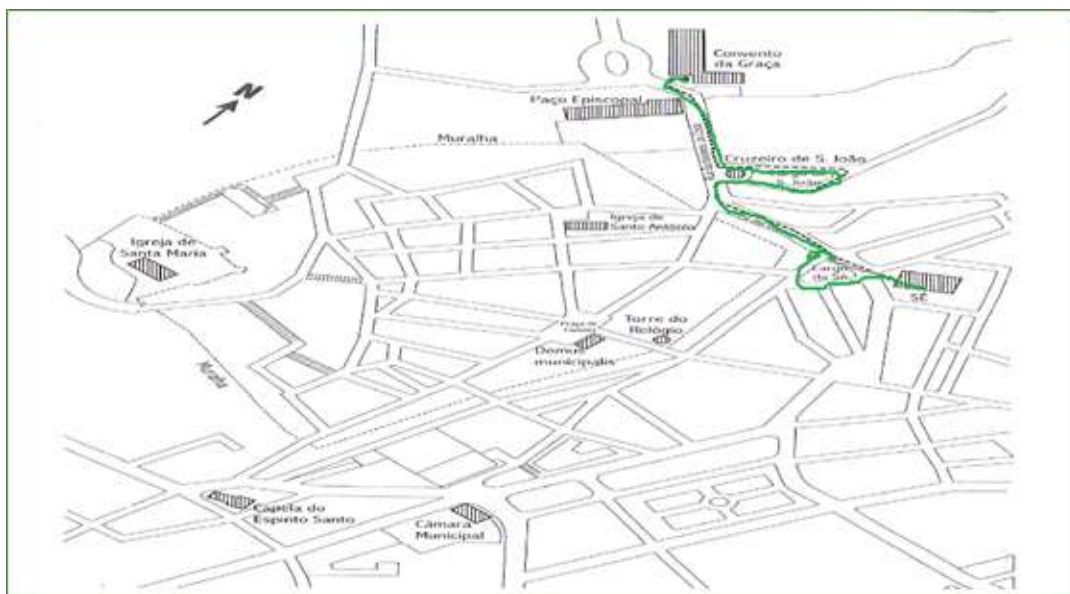
As três procissões que constituíam o primeiro grupo (da Quaresma) - Procissão dos Passos<sup>29</sup>, Procissão das Lanternas, Procissão do Enterro do Senhor<sup>30</sup> - tinham por fim

---

29 A Procissão dos Passos, em termos de dramatização ritual, é um cortejo público de fiéis, que revivem as etapas da Paixão de Cristo, distribuídas na forma de sete passos que correspondem a alguns dos episódios do caminho doloroso de Cristo entre o Pretório e o Calvário (PEREZ, 2019).

principal, como o seu nome indica, a vivência da Paixão. Tal como em outras terras da Beira Baixa, era o tempo da recordação do sofrimento e da dor da Paixão do Filho de Deus feito Homem, era também tempo da lembrança das dores e das angústias que marcavam a existência humana. Ao som de matracas, num cantochão ecoando pelas ruas, encostas e descampados, fazia-se a “Encomendação das Almas”. Em Castelo Branco a Procissão dos Passos efetuava-se no 3º Domingo da Quaresma, a Procissão dos “Fogaréos” ou das Lanternas, na quinta-feira Santa, e a Procissão do Enterro do Senhor na Sexta-feira Santa (SALVADO, 1998).

**Figura 2 – Itinerário Procissão dos Paços e Enterro do Senhor. Elaborado a partir das descrições do ERA NOVA, 2 de maio de 1924, e mapa a partir de Salvado (1998)**



Antônio Roxo (1890) deixou-nos um relato da Procissão das Lanternas, tal como se fazia em 1890:

Todas as crianças anseiam pela *procissão das lanternas* a que hão-de assistir com a sua lanterna, que não trocariam por um thesouro por mais deslumbrante que fosse. No sabbado à hora da sahida da procissão vê-se desde a igreja da Graça, pelo largo de S.

30 Consumada a Paixão e Morte de Jesus, o Cortejo processional recorda a sepultura do Senhor (PEREZ, 2019).

João, Olarias e largo da Sé (pontos do trajeto da procissão) um sem numero de lanternas de varias côres, ornamentadas com vários desenhos (quase sempre alusivos à paixão de Christo), de variadíssimos feitios, arvoradas em cannas, e de que são portadoras as crianças de ambos os sexos e de todas as classes sociaes.

O conjunto do maravilhoso espectáculo produzido pela aglomeração de tantas e tão variadas lanternas é admirável, e causa sempre surpresa a quem pela primeira vez o goza. Vistas as lanternas a distancia è indescritivel o efeito óptico.

A contínua movimentação das lanternas iluminadas, a variedade das fórmãs, a diversidade das côres vivas, o capricho das agrupamentos casuaes, tudo isto traz à lembrança um enorme Kaleidoscopo, que nos apresenta um numero infinito de imagens brilhantes, que se formam, baralham e confundem incessantemente, e que nos deslumbram e ofuscam. (ROXO, 1890, 34-35).

A procissão do Enterro do Senhor tinha lugar na sexta-feira santa, em que a imagem do Senhor dos passos retornava da Sé para o Convento da Graça, ao som de cânticos do Miserere e orações recordando os angustiantes “passos” da sua Paixão.

Um Miserere que ficou célebre foi o composto pelo próprio Jesus Urbano Escoto, como é referenciado na imprensa e no arquivo da Sé: «era sobretudo durante a Semana Santa que a orquestra e a banda actuava, executando os responsórios de Casimiro e o Miserere da autoria do próprio Mestre Escoto» (ARQUIVO DA SÉ, pasta 39; A ERA NOVA, 2 de Maio de 1930; ERA NOVA, 4 de abril de 1931 e ERA NOVA, 20 de Abril de 1935).

Outra procissão importante é a que tinha por fim celebrar a imagem de Nossa Senhora de Mércules, instalada na Ermida do mesmo nome e envolvia e ainda hoje envolve toda a cidade. Esta teve origem num voto que a Câmara de Castelo Branco fez em 2 de julho de 1601, em agradecimento à Nossa senhora de Mércules por ter livrado os habitantes da peste que, naqueles anos, grassara no país (SILVA, 1853).

## **6. Confrarias**

As várias Confrarias e Irmandades, como as do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora da Graça e de Nossa Senhora do Rosário, que estavam inseridas na Sé de Castelo Branco imprimiam um grande incremento e brilho às festividades religiosas em geral e às procissões em particular, em que por norma participavam, em obediência ao Compromisso por que se regiam. A testemunhá-lo estão os Livros de Receita e Despesa destas confrarias, que revelam que a música desempenhava um papel de relevo através da contratação de bandas (civis e militares), de grupos formados para a ocasião, ou de músicos recrutados para o efeito, em

cerimónias várias, mas sobretudo na Semana Santa, os quais se passa a nomear alguns exemplos:

Nos registos da Confraria do SS. Sacramento, encontram-se pagamentos feitos em anos distintos às Bandas *Euterpe* e de Cavalaria 8 (ARQUIVO DA SÉ, PASTA 39).

Nos Registos da Confraria de Nossa Senhora da Conceição, vem lançado o pagamento nominal a músicos, entre os quais figuram os Irmãos de apelido Patrício (última década do séc. XIX) e António dos Prazeres Frederico. Este era o regente da orquestra e da banda que atuava nos finais do séc. XIX, princípio do século XX. Já os irmãos de apelido Patrício é António Rodrigues Cardoso, um senhor já avançado na idade, que no jornal *A Era Nova* assina uma crónica intitulada «Do Canhedo de um velho» quem presta aqui os necessários esclarecimentos:

Os Patrícios eram um grupo de irmãos, artistas, músicos por instinto, que tocavam um grande número de instrumentos. O único ensinamento em música, que haviam recebido, fora-lhes transmitido pelo pai, que era músico de profissão. Não havia festa em Castelo Branco em que não figurassem. Eram contratados habitualmente para as cerimónias religiosas (incluindo as procissões) e eles mesmos se encarregavam da música vocal e instrumental.

Eram também normalmente convidados para serões musicais em casas particulares bem como pelas várias associações, para concertos ou bailes. Tocavam todo o género de música que lhes era pedido, como Polcas, Mazurcas, Valsas, etc.

Não se sabe ao certo quantos eram. António Rodrigues Cardoso refere pelo menos seis (António, Joaquim, Carlos, Tomás, José e João), além de uma irmã que ensinava música "a meninas". Tocavam os mais diversos instrumentos - corda, sopro, piano e órgão. Alguns deles, eram conhecidos como cantores. Sabe-se que Tomás era também músico regimental e mais tarde mestre da filarmónica de Oleiros. (ERA NOVA, 7 de fevereiro de 1931).

Os pagamentos aos agrupamentos ou a músicos isolados podiam ser sob uma pequena quantia em dinheiro ou um copo d'água, que serviam a seguir à sua atuação. É, ainda Cardoso que o diz: «os executantes, que trabalhavam por amor da arte, que não recebiam para si nem um vintem, sentiam-se satisfeitos, cheios de um certo orgulho de artistas amadores, vendo-se admirados por tanta gente, da melhor que havia na terra» (ERA NOVA, 7 de fevereiro de 1931).

Em síntese, através do relato das procissões podemos conhecer o lado visível e invisível destas, criando novas narrativas. Em todas as procissões além dos sons próprios, da sua sonoridade a música era um elemento essencial para o brio, devoção esplendor e contribuía para a paisagem sonora da cidade. Normalmente eram acompanhadas de músicos contratados ou de uma banda de música. Este som e esta música transporta conhecimento, cruzando o passado

com o presente, o qual gera e recalca memórias. A sua sonoridade tem uma importância e um papel social, que ajuda a revelar os traços identitários de Castelo Branco e dos Albicastrenses.

### **Periódicos**

Estudos de Castelo Branco (1966) Revista de História e Cultura

A Era Nova, 13 de março de 1927, 3 de abril de 1930, 2 de maio de 1930, 3 de abril de 1931, 7 de fevereiro de 1931, 20 de abril de 1935

Notícias da Beira, 4 de outubro de 1924

### **Fontes manuscritas:**

Arquivo da sé: pasta 39.

COD 6989 da Biblioteca Nacional

### **Bibliografia:**

CASTILHO, Maria Luísa Faria de Sousa Cerqueira Correia Castilho (1992) - *A música na Sé de Castelo Branco: Apontamento Histórico e catálogo dos Fundos Musicais*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado.

FRANCISCO, Helena Maria de Matos Gregório Vicente (2012) – *A Festa a Nossa Senhora dos Altos Céus e as Danças Tradicionais da Lousa. O valor da Cultura de um povo, a força da sua identidade, coesão social e economia da cultura durante a era da globalização*. Lisboa: Universidade Aberta. Dissertação de Mestrado.

MENEGUELLO, Cristina (2017) – Das ruas para os museus: as paisagens sonoras como memórias, registro e invenção. *Métis, História & Cultura. Revista de História da Universidade de Caxias do Sul* [Em linha]. V. 16: nº.32, p. 22-44. [Consult. 26 de março 2019].

MARTINS, Anacleto Pires da Silva (1979) - *Esboço Histórico da Cidade de Castelo Branco*. Castelo Branco: Câmara Municipal.

MATOS, José Vasco Mendes de (1972) - *Esquema para uma Biografia da Cidade de Castelo Branco*. Castelo Branco: Edição do Autor.

OLIVEIRA, Carlos de (1940) - *Apontamentos para a monografia da Guarda*. Guarda: Tipografia Veritas.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (2000) – *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian / Museu Nacional de Etnologia.

PEREZ, Léa Freitas (2010) – *Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas*. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia.

- RIBEIRO, Ana Catarina Freitas (2013) - *Sonoridades urbanas: a cidade da audição construção de um arquivo sonoro de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado.
- ROXO, António (1890) - *Monographia de Castelo Branco*. Elvas: Typographia Progresso.
- SALVADO, Maria Adelaide Neto (1998), *Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Castelo Branco. Espelho de Quereres e Sentires*. Coimbra: A Mar Arte.
- SANTOS, Manuel Tavares dos (1958) - *Castelo Branco na História e na Arte*. Castelo Branco. Edição do Autor.
- SCHAFFER, Murray R (1991). *O ouvido pensante*. São Paulo: Ed. da Unesp.
- SILVA, H. Castro e (1958) - *A Misericórdia de Castelo Branco (Apontamentos Históricos)*. 2ª ed. Castelo Branco.
- SILVA, J. A. Porfírio da (1853) - *Memorial Chronologico e Descriptivo da Cidade de Castelo Branco*. Lisboa: Typografia Universal.